

**Rompendo com a binaridade
masculino/feminino nas canções
buarquianas: um estudo de
“Folhetim” e “Tango de Nancy”**

*Breaking with the binarism
masculine/feminine in the Chico Buarque's songs:
a study of the “Folhetim” and “Tango de Nancy”*

Roberto Gabriel Guilherme de Lima

*Professor da rede pública do estado do Rio Grande do Norte
Mestre em Literatura Comparada pela UFRN
msrobertogabriel@yahoo.com.br*

15

Resumo

Este artigo aborda a questão do gênero como veículo de identidade no discurso contemporâneo, tentando (des)construir o discurso hegemônico masculino, rompendo com a binaridade masculino/feminino e consagrando as premissas da teoria *queer*, que pressupõe discursos pós-modernos no que tange à ideia da identificação do gênero. Nesse contexto, apresentam-se os discursos presentes nas canções femininas de Chico Buarque, que se contrapõem às canções de compositores anteriores a ele, buscando-se compreender a ruptura da dicotomia masculino/feminino. Por meio da política da pós-modernidade, a noção de Estudos do Gênero, nos corpos sexuados, ganha mais visibilidade, vislumbrada pela teoria *queer*, que dá margens aos estudos da fronteira da identidade, mais precisamente entre os gêneros masculino/feminino.

Palavras-chave: Identidade. Gênero. Canção. Discurso. Pós-modernidade.

Abstract

This article approaches the question of gender as a vehicle of identity in contemporary discourse. It attempts to (de)construct the hegemonic masculine discourse, breaking with the binarism masculine/feminine and uses premises of the queer theory, which proposes post-modern literary discourses in relation to the notion of gender identity. In this context, we focus the discourses present in Chico Buarque's songs taken as feminine representations – they contrast with songs of former songwriters – trying to understand the break of the dichotomy masculine/feminine. It's through of identy's politc of post-modern that the notion of the Gender' studies, in the sexual bodies, get very visibility, descrying by queer theory that give margin at the studies of frontier of identity more needy between the gender masculine/feminine.

Key-words: Identity. Gender. Songwriting. Post-modernity.

Introdução

O gênero é algo histórica e socialmente constituído, mas essa ideia vem se tornando cada vez mais fluida, passando o *homem* a assumir de forma recorrente o dito *comportamento feminino*, apresentando a fluidez que o estudo de gênero denota. Chico Buarque é o compositor brasileiro que desde a década de 1970 vem (des)conectando a binaridade *homem/mulher* em suas canções. Ele empresta suas canções para dar voz às *mulheres*, ao mesmo tempo que potencializa e vitaliza suas narrativas de vida. Assim, “na obra musical de Chico Buarque, o poeta sentimental tem menos espaço que o poeta objetivo, aquele que encontra sua poética ao dar a voz para personagens pinçados na vida brasileira” (MELLO, 2003, p. 49), já que essas *mulheres* passam a ser vistas por outro ângulo: como *mulheres* revestidas de pleno poder de fala.

Chico Buarque relata apenas o prazer corporal exercido pelas prostitutas por ele constituídas, deixando perceber que essa prática sempre ocorreu aos olhos da sociedade brasileira. A partir disso, ironicamente, ele apresenta a sua proposta de denúncia de cunho social: a venda corporal da *mulher* pela falta de oportunidade de exercer cargos de posição em destaque social, já que os ditadores eram *homens*. Não cabia à *mulher* exercer tais cargos, o que acarretava a falta de algum salário que as fizesse viver razoavelmente para se manter com alguma dignidade humana. Elas mesmas, as *mulheres* prostitutas de Chico, relatam seus prazeres corporais em canções consagradas pelo público buarquiano.

Como um dos pontos fundamentais desta pesquisa é a análise de algumas canções populares vistas pelo prisma buarquiano, considera-se relevante discorrer algumas linhas a respeito da concepção de gênero, tentando desconectar a binaridade *masculino/feminino*. Em subtópico, também será dada outra abordagem às canções buarquianas de cunho *feminista*, pelo viés da teoria *queer*, o que evidencia um ponto de diferença entre esta pesquisa e trabalhos já realizados a respeito do já referido tema, como o de Adélia Bezerra de Menezes e o de Maria Helena Sansão Fontes, que abordam o *feminino* nas composições de Chico Buarque sem fazer qualquer menção à teoria aqui abordada.

As canções buarquianas serão ponderadas pelo prisma da teoria *queer*, a qual se propõe a estabelecer uma concepção de vida que vai além das normas veiculadas e preestabelecidas socialmente. Ser *homem* ou *mulher* é conceber uma simples identidade, ser *queer* é romper com as binaridades e consagrar uma indeterminação textual. Os sujeitos *queer* surgem da reflexão, da análise crítica e da desconstrução de autores pós-estruturalistas, os quais discutem e desmistificam a hegemonia do *masculino* em relação ao *feminino*, que sempre

se baseou em preceitos oriundos de uma visão patriarcal de uma corrente másculo-centrada na relação de produção e reprodução, uma vez que tais princípios insistem em manter a noção de sujeito criada por meio de discursos da linguagem e da cultura. Nesse sentido, o ponto-chave dos ativistas *queer* está em virar ao avesso as práticas de normalização dos sujeitos em questão.

A teoria *queer* deseja questionar os processos ditos “[...] institucionais e discursivos, as estruturas de significação que definem, antes de mais nada, o que é correto e o que é incorreto, o que é moral e o que é imoral, o que é normal e o que é anormal” (SILVA, 2002, p. 108).

Baseada nas premissas desses teóricos denominados pós-estruturalistas, norteia-se toda a teoria que iremos abordar nesta pesquisa, em que se analisam as ideias de gênero apresentadas por Butler (2003, p. 24), que afirma:

Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como feminino.

Sendo assim, o comportamento atribuído às *mulheres*, em particular às prostitutas constituídas nessas canções, dá margens para se perceber que a *mulher* conseguiu, em plena década de 1970, nas canções e concepções buarquianas, falar de sexo e de prazer sem ser vista como leviana, passando, dessa forma, a exercer comportamentos ditos e consagrados como masculinos. Essas canções apresentam uma ambiguidade textual que é a proposta apresentada pela teoria *queer*, afinal, as *mulheres* em Chico Buarque exercem comportamentos masculinos e femininos, expondo tal ambiguidade e apontando a fluidez da concepção de gênero.

Masculino e feminino: uma convenção social

Quando se trata de estudos a respeito de uma “minoría” – sexual, étnica ou cultural –, estes se revestem de discussões nos âmbitos social, político e teórico-crítico, estabelecendo uma articulação a fim de que esses grupos sejam ouvidos como sujeitos de práticas políticas e discursivas plenamente ativas, sendo visto previamente em Chico Buarque o discurso da *mulher* revolucionando sexualmente na década de 1970. É no âmbito social que esses grupos tentam delimitar espaços para as diferenças e para suas

especificidades, contando com o amparo da mídia e de algumas ONGs, mas é no campo acadêmico que questões relativas às identidades e às diferenças vêm sendo mais discutidas.

A denominada *política da identidade* teve seu início nos anos 1970 na Europa e nos Estados Unidos, caracterizada pela ênfase relativa às questões de igualdade e universalidade, em que se dava destaque às questões referentes à diferença, tendo como reflexo a lógica da dominação que hegemoniza uma identidade procurando recuperar o polo desvalorizado da dicotomia *homem/mulher*. O termo *identidade* filosoficamente diz respeito àquilo que dá a alguém sua natureza essencial e sua continuidade bem como ao que faz duas pessoas ou grupo de pessoas terem características comuns. Ao se falar em *política da identidade*, o termo já rege negação e diferença: algo é alguma coisa, e não outra. É desse ponto que brota a filosofia da diferença em que qualquer ser humano tem o direito de expressar livremente o seu pensamento e ser o que quer ser como sujeito.

A *política da identidade* ganhou notoriedade ao longo do século XX, adquirindo inúmeras expressões, sempre conectadas à crítica marxista e à crítica psicanalista. A crítica marxista defendia que o ser humano era universalizado e socialmente dividido por classes; já a crítica psicanalista relutava em refletir o indivíduo separado das determinações sociais, postulando a existência de um ser subjacente dentro de todos os indivíduos, o que caracterizava uma identidade inconsciente.

As ideias freudianas da estrutura do inconsciente faziam a distinção entre *homens* e *mulheres*, caracterizando a concepção de cada sexo, e sua distinção estruturava-se no desenho morfológico, sempre definindo o *feminino* relacionado ao *masculino*, em razão da falta, no caso da *mulher*, do órgão viril. O modelo edipiano da formação das diferenças entre os sexos se desenvolveu inicialmente na própria área da psicanálise, refletindo a ideia de que as diferenças de gênero estavam intrinsecamente ligadas aos aspectos socioculturais. Quanto à questão da sexualidade, Foucault (1998, p. 10-11) afirma:

Falar da “sexualidade” como uma experiência historicamente singular suporia [...] os três eixos que a constituem: a formação dos saberes que a ela se referem, os sistemas de poder que regulam sua prática e as formas pelas quais os indivíduos podem e devem se reconhecer como sujeitos da sexualidade. [...] Parecia agora que seria preciso empreender um terceiro deslocamento a fim de analisar o que é designado como “sujeito”; convinha

pesquisar quais são as formas e as modalidades da relação consigo através das quais o indivíduo se constitui e se reconhece como sujeito.

Ainda, segundo Butler (2003, p. 24),

se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.

Inúmeros estudiosos, a respeito dos estudos de gênero, passaram a definir o *segundo sexo* como uma construção social, uma metáfora da alteridade. O conceito de *mulher*, ao longo do tempo, sempre foi visto e constituído histórica e socialmente como o outro, baseando-se em paradigmas da identidade *masculina*. Já o *masculino* sempre foi encarado como algo revestido de certo *poder* em relação ao seu *oposto*. Segundo Scott (1995, p. 75),

[...] precisamos pensá-lo [o poder] muito mais como uma ação que é exercida constantemente entre os sujeitos e que se supõem intrinsecamente, formas de resistência e contestação, do que como algo que possui apenas um polo e que está ausente no outro.

A partir desse pensamento de Scott (1995), busca-se compreender o poder ora constituído e convencionado entre os polos da relação binária *homem/mulher*, o qual remete às ideias de que certos comportamentos psicológicos e papéis sociais são completamente impostos aos polos *homem* e *mulher*. Muitas vezes, os cânones sociais elaboram ideias dicotômicas produzidas pela cultura e pela linguagem.

Segundo Louro (1997, p. 25), “sexo se refere à identidade biológica de cada um, gênero está ligado à sua construção social como sujeitos masculinos e femininos”. Albuquerque Júnior (2003, p. 24) complementa: “[...] deixando o gênero de ser um mero atributo corporal, para ser um produto social”. Sob a perspectiva de Silva (2002, p. 105), “o conceito de gênero foi criado precisamente para enfatizar o fato de que as identidades, a *masculina* e *feminina*, são historicamente e socialmente produzidas”, já que é a cultura que elabora a ideia de identidade e inspira a concepção de gênero, produzida intelectual e socialmente. Nela, cada ser humano possui uma individualidade que, conseqüentemente, realiza a produção do seu imaginário subjetivo, uma vez que a própria cultura por ele produzida não pode reprimir essa aproximação

da subjetividade humana e a respectiva concepção cultural à qual esse ser humano está atrelado. Nesse sentido, Geertz (1989, p. 48-49) aponta: “[...] a humanidade é tão variada em sua essência como em sua expressão”.

Os seres humanos, tidos como principais agentes de cultura, esquematizam seus juízos de valores a partir do seu contexto histórico, ideológico e cultural bem como das concepções dessas construções identitárias, modelando-as, remodelando-as e interagindo na relação tempo-espaco devido à sua diversidade cultural.

Vê-se aqui a pluralidade da identidade do ser humano, em que cada um luta pelo seu ideal, seu modo de pensar e de agir, porque, ao se tentar (des)construir as dicotomias *homem/mulher*, *masculino/feminino*, é que se percebe o quanto um polo possui o outro de forma desviada ou negada, já que cada um carrega partes desse outro para adquirir sentido. As regras que regulam o sexo têm o caráter de produzir aquilo que elas nomeiam, repetem e adéquam à norma dos gêneros numa perspectiva *heterossexual*.

Essa discussão tem como ponto de partida as ideias de como é constituído o mito da *masculinidade*, uma vez que o estereótipo do *macho* exclui diferentes dinâmicas subjetivas, fato compreendido como normal, mas que se pode conceber como algo linguística e culturalmente produzido ao longo do tempo. Sendo assim, busca-se analisar esses estereótipos por um ângulo que não venha induzir o leitor a uma dicotomia.

A identidade passa a ser algo que precisa de uma definição, portanto é necessário que se atribua a ela uma abordagem que a induza a uma significação, já que ela é cada vez mais multiplamente construída ao longo de discursos, produzindo assim os estereótipos que reafirmam a identificação dos seres humanos. Conforme Foucault (2003, p. 39-44),

os discursos religiosos, judiciários, terapêuticos e, em parte também, políticos não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos. [...] Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com seus saberes e os poderes que eles trazem consigo.

Dessa forma, não há de se pensar que exista algo que seja exclusivamente *masculino* ou *feminino*. Partindo desse pressuposto, percebe-se que o polo *masculino* pode veicular o polo *feminino*, ou vice-versa. Esse

poder quem estabelece são as pessoas que se apossam do *poder convencional*; a partir daí, geram-se as possibilidades de quem *pode* ou *não* cumprir tais papéis sociais estabelecidos culturalmente, percebendo-se que ambos, *homem* e *mulher*, podem exercer quaisquer papéis ou funções sociais.

Os estereótipos *masculino* e *feminino* regulam e policiam a sexualidade, mas nem sempre os seres humanos definem com exatidão a sua sexualidade, na medida em que, para Hall (*apud* MERCER, 2002, p. 9), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Já Nolasco (1995, p. 50) afirma:

O estereótipo do macho exclui estas diferentes dinâmicas subjetivas, fazendo crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar. É a este último modelo que os homens estão procurando renunciar.

Portanto, o *homem* que não se enquadra dentro de um contexto *masculino* hegemônico conseqüentemente será visto como o outro que sofrerá a experiência da discriminação, por não ser aceito dentro dos padrões determinados para o *macho* e para a *fêmea*, sentindo-se um ser humano submisso, identificado pela antinorma e subjugado à categoria da marginalidade. Daí, sabe-se que certos comportamentos e preceitos ditos *masculinos* e/ou *femininos*, mantidos como verdades absolutas, reafirmam que o *macho* não deve aferir-se pela ótica de condutas ditas *femininas* e vice-versa, porque ambos não serão aceitos como *normais* dentro de uma sociedade ocidental, em que o currículo aborda características de tendências branca, machista e cristã.

Ninguém nasce *macho* ou *fêmea*, mas se torna linguística e socialmente elaborado, enquadrando-se neste ou naquele gênero, tentando entender as narrativas que criam opostamente o outro, em que muitas vezes não são *permissíveis* determinados comportamentos dentro de um contexto social. Para Louro (1997, p. 65), “[...] a linguagem não apenas expressa relações, poderes, lugares, ela os institui; ela não apenas veicula, mas produz e pretende *fixar* diferenças”.

Antes de sermos determinados pelo gênero, lembremos que somos seres humanos de ideias conflitantes. Mesmo assim, devemos aceitar com certo preceito o oposto, já que a diferença é vista como um tanto discursivamente produzida, e não como se a concretização dessa ideia fosse

natural. Isso ocorre porque esse *poder diferencial* aflora, suplantando a lógica dessa dualidade, percebendo que o *oposto* existe e se faz presente ao buscar no tempo o seu espaço de aceitabilidade.

Nesse sentido, o *ser diferente* não existe em absoluto, pois sempre haverá uma relatividade entre o outro *não diferente* para se constituir inversamente o *diferente*. A identidade e a diferença pertencem à mesma categoria das construções sociais de identificação, que implicam a exclusão e a concepção do outro. De acordo com Silva (2002, p. 87),

para a concepção pós-estruturalista, a diferença é essencialmente um processo linguístico e discursivo. A diferença não pode ser concebida fora dos processos linguístico e discursivo. A diferença não é uma característica natural: ela é discursivamente produzida.

A teoria *queer* surge como uma nova possibilidade, uma nova perspectiva, um novo horizonte para se questionar a respeito de como redimensionar as ideias sobre gênero e identidade, tornadas fixas, prontas e modeladas socialmente. A partir dela, é possível desvendar intelectualmente aquilo que ainda teoricamente está intacto e inexplorado. A teoria *queer* é aqui abordada porque suas temáticas servirão como ponto primordial para se repensar e se (des)construir as ideias dicotômicas e estereotipadas de *masculino/feminino*. Para Louro (2004, p. 45): “Segundo os teóricos e teóricas queer, é necessário empreender uma mudança epistemológica que efetivamente rompa com a lógica binária e com seus efeitos: a hierarquia, a classificação, a dominação e a exclusão”. Ainda, de acordo com Silva (2000, p. 108),

[...] as identidades não são nunca unificadas, que elas são na modernidade tardia cada vez mais fragmentadas e fraturadas, que elas não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicos. As identidades estão sujeitas a uma historização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Conforme Hall (2002, p. 71), “[...] a modelagem e a remodelagem de relações espaço-tempo no interior de diferentes sistemas de representação têm efeitos profundos sobre as formas como as identidades são localizadas e representadas”.

Em face de sua devida sexualidade, o ser humano será direcionado por padrões canônicos durante seu percurso de vida, no qual há provas, confrontos

e conflitos que ele terá de se submeter, em razão do que já está predeterminado e prescrito nos cânones para cada um.

Não existe um sujeito unificado preexistente, há sujeitos modelados pelos padrões regulamentadores da sua existência. Louro (2004, p. 13) entende que “não há lugar de chegar, não há destino pré-fixado, o que interessa é o movimento e as mudanças que se dão ao longo do trajeto”.

Experimentar o *proibido* é o que cabe àqueles que transgridem as regras preestabelecidas que delimitam o seu rumo ou direcionamento, em que as características físicas são vistas como diferencial, atribuindo uma gama significativa de cultura. Segundo Louro (2004, p. 15), “tal lógica implica que esse 'dado' sexo vai determinar o gênero e induzir a única forma de desejo. Supostamente, não há outra probabilidade senão seguir a ordem prevista”. O compromisso com a *masculinização* e a *feminilização* do ser é uma convenção do sujeito; o viver no perigo cabe aos transgressores do percurso, não havendo como impedir aqueles que atravessam e subvertem as normas, os quais são certamente os primeiros a serem localizados e escolhidos pelas entidades corretivas e de recuperação, uma vez que para eles são prescritas exclusões e penalidades.

De acordo com Louro (2004, p. 20), “a *drag* escancara a construtividade dos gêneros. Perambulando por um território inabitável, confundindo e tumultuando, sua figura passa a indicar que a fronteira está muito perto e que pode ser visitada a qualquer momento”.

Ao se perceber que o polo *masculino* pode possuir o oposto, analisa-se como a fronteira está tão próxima que pode ser considerada e revista como algo adjacente ao modo de como cada ser a concebe. Se um sujeito se pronuncia como a representação da *feminilidade*, sempre terá seus limites, suas possibilidades e suas restrições.

No conjunto da sociedade, muitas *mulheres* lutam para serem reconhecidas e ao mesmo tempo incluídas em termos de igualdade e legitimação, embora muitas outras desafiem as fronteiras tradicionais de gênero, preocupando-se apenas em pôr em questão as dicotomias *masculino/feminino*, *homem/mulher*. Já outros grupos de mulheres não estão satisfeitos em atravessar as divisões e permanecem vivendo a ambiguidade da própria fronteira.

Quando se aborda o que promulga a teoria *queer*, os termos *homem/mulher* passam a ser analisados de forma mais eficaz, colocando em xeque a naturalização da *heterossexualidade* e a diversidade de identidades

em jogo bem como questionando as estreitas relações do eu com o outro. A diferença não estaria ausente, mas sempre presente e fazendo sentido, desestabilizando o sujeito e problematizando as estratégias normalizadoras que sempre pretenderam ditar e restringir as formas do ser e do viver. A temática *queer* não impõe, não é canônica, e sim coloca em questão as discussões amplas das identidades que são múltiplas, não é dualista, foge ao enquadramento e não propõe ações corretivas àqueles que a hostilizam. Segundo Louro (2004, p. 59),

polêmicas e debates são frequentes entre esse grupo de intelectuais que mantém, contudo, alguns pontos em comum, já que a maioria se apoia na teoria pós-estruturalista francesa e apela para estratégias descentradoras e desconstrutivas em suas análises. Sua produção tem pretensões de ruptura epistemológica; portanto, esses teóricos e teóricas querem provocar um jeito novo de conhecer e também pretendem apontar outros alvos do conhecimento.

Uma política de nova informação cultural é o que pretendem os teóricos/as *queer*. Dessa forma, pode-se chegar a um ponto que estimule outro modo de conceber e de se pensar outros interesses aos educadores. Nessa questão, está implícito procurar conceber uma mudança epistemológica que rompa com as binaridades e seus efeitos: de rotulação e de exclusão, já que o alvo da política *queer* está em fazer uma crítica à oposição *homem/mulher*, compreendida como uma dicotomia que sempre organiza as práticas sociais e não propriamente o destino desses sujeitos.

Os questionamentos que podem ser feitos relativos à teoria *queer* são inúmeros, sendo importante lembrar que não existe uma origem ou um começo para essa teoria. O óbvio é que sua formação discursiva permite seu surgimento em um dado contexto, porque, para o ativista *queer*, o importante é atravessar, desconfiar do que está posto, sempre colocando toda a situação em questionamento para que possa haver novas discussões, das quais possam brotar outros pensamentos e conseqüentemente novas possibilidades de redirecionamento.

Com essas abordagens amplamente discutidas, e verificando um lirismo *feminino* presente em algumas composições musicais de Chico Buarque, faz-se valer a possibilidade de (des)construção do que se pensa como *masculino* e *feminino*, ao se perceber que determinadas composições buarquianas trazem visões de características comportamentais ditas *femininas*, uma vez que o compositor assume em suas canções uma voz lírica feminina.

Quando se constata o teor de tais canções, nota-se a ideia de como um *homem* pode relatar o mundo dito *feminino* com tanta presteza sem perder suas características ditas *masculinas*. A partir desse pressuposto, chega-se à conclusão de que o *homem* pode compreender o comportamento psicológico dito *feminino*, já que as próprias composições buarquianas, aqui mencionadas, denotam essa pluralidade da concepção de gênero. Sendo assim, tenta-se (des)construir a lógica suplantada do pensamento historicamente constituído nas relações binárias *homem/mulher* e *masculino/feminino*, lembrando que no estudo de gênero não se deve reforçar tais binaridades identitárias.

O feminino nas canções buarquianas

Ao se analisar a obra buarquiana, é perceptível, em algumas canções aqui selecionadas, um lirismo *feminino* que o próprio Chico Buarque se encarregou de descrever eloquentemente, falando da alma *feminina* de uma forma que lhe é bem peculiar. Nesse sentido, Meneses (2006, p. 103) aponta: “No entanto, o poeta não fala apenas da mulher, ou à mulher. Assumindo o eu lírico feminino, ele fala como mulher. E de um ponto de vista, por vezes, espantosamente feminino”. As imagens de *mulher* assim como os papéis e identidades que emergem dessas canções compõem as representações sociais do que se convencionou chamar de comportamentos ditos *femininos*; essa constelação de imagens alude às várias concepções desse mesmo *feminino*. Segundo Butler (2003, p. 47), “se é possível falar de um 'homem' com um atributo masculino e compreender esse atributo como um traço feliz, mas acidental desse homem, também é possível falar de um 'homem' com um atributo feminino, qualquer que seja, mas continuar a preservar a integridade do gênero”. Fontes (2003, p. 10) reflete a respeito de Chico Buarque dizendo:

Como poeta do seu tempo, ele é consciente da condição da mulher na sociedade, da operação oriunda de situações econômicas e culturais, refletindo nas relações conjugais e também do fascínio, encanto e atração feminina que redundam em prazeres físicos e espirituais na relação homem/mulher.

Ramos (2006, p. 147) ressalta:

Na música popular de Chico Buarque de Holanda, encontram-se muitas vozes que constituem a sociedade brasileira. Vozes daqueles que, em princípio, não têm voz, que são calados pela repressão emocional, social,

econômica e política. Vozes daqueles que não conseguem dizer, dos que são marginalizados no sistema. A obra de Chico é plural pelos diversos enfoques que ela acolhe e revela e também pelas visões assumidas tanto da condição feminina como da masculina.

Em suas canções aqui estudadas, inúmeras temáticas são notórias e sempre relacionadas ao comportamento dito *feminino*. Nelas, o comportamento das prostitutas desvia-se dos padrões que a sociedade sempre concebeu para a *mulher*, pois buscam o prazer sexual e falam a respeito dele com seus parceiros.

Nesse sentido, percebem-se mudanças no comportamento *feminino* na materialidade linguística dessas canções, no momento em que essas mulheres relatam “segredos” encobertos pelo discurso hegemônico masculino ao longo dos tempos. Dessa forma, as *mulheres* passam a assumir comportamentos antes consagrados como *masculinos*. São as *mulheres* aventureiras do sexo, expondo seu desejo sexual desmedido em “Folhetim” e em “Tango de Nancy”.

Enfim, é a *mulher* revolucionando sexualmente em plena década de 1970, uma vez que a *mulher* buarquiana é concebida e revestida de pleno poder de fala e discurso, quando ela fala por si mesma, refletindo esses comportamentos sociais, antes somente concebidos para o *homem*. A respeito desse poder discursivo da *mulher* em Chico Buarque, Foucault (2004, p. 10) afirma: “Não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente”.

Folhetim

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa boa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim

E, se tiveres renda
Aceito uma prenda

Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim

E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis

Mas na manhã seguinte
Não conte até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.
(CHICO BUARQUE, 1978).

A prostituta descrita por Chico Buarque nessa canção vem afirmar sua personalidade de mulher que usa o homem de forma a seduzi-lo com palavras, como em: “Direi meias verdades sempre à meia luz”; “E te farei vaidoso supor”. Ela é a mulher que exerce certo poder na relação amorosa, nesse caso, em correspondência ao sujeito masculino, no momento em que ele está sendo o objeto do desejo: “Que és o maior e que me possuis”.

Ao amanhecer, essa prostituta descarta o “amado”, já que ela está disponível para outros homens. Como se vê em “Sou dessas mulheres que só dizem sim”, ela não rejeita a possibilidade de ser amada por outros: “Te afastas de mim”, “És página virada”, “Pois já não vales nada”. Revestida de certo discurso feminino, a mulher buarquiana vem reafirmar comportamentos sociais antes apenas concebidos para o homem, porque falar de vida amorosa, de prazeres sexuais e de vida a dois com tanta presteza sempre foi comportamento concedido aos homens.

Tango de Nancy

Quem sou eu para falar de amor
Se o amor me consumiu até a espinha
Dos meus beijos que falar
Dos desejos de queimar
E dos beijos que apagaram os desejos que eu tinha

Quem sou eu para falar de amor
Se de tanto me entregar nunca fui minha
O amor jamais foi meu
O amor me conheceu
Se esfregou na minha vida
E me deixou assim

Homens, eu nem fiz a soma
De quantos rolaram no meu camarim
Bocas chegavam a Roma passando por mim
Ela de braços abertos
Fazendo promessas
Meus deuses, enfim!
Eles gozando depressa
E cheirando a gim
Eles querendo na hora
Por dentro, por fora
Por cima e por trás
Juro por deus de pés juntos
Que nunca mais.
(CHICO BUARQUE; EDU LOBO, 1985).

Mais uma canção que reflete o submundo da prostituição. O primeiro verso já alude a um questionamento da própria prostituta, que não vive um momento prazeroso por amor: “Quem sou eu para falar de amor”. Assim, o tema amor não é reservado às prostitutas, pois elas não devem amar. É comum ouvir tal afirmação em relação às prostitutas, como é o caso de “Ana de Amsterdã”, que cruzou o mar na esperança de casar. Sabe-se que sentimentos relacionados a amor, família e filhos não são reservados às prostitutas.

Os versos “Se de tanto me entregar nunca fui minha” e “Homens eu não fiz a soma de quantos rolaram no meu camarim” vêm reafirmar a vida fugaz da prostituição, são marcas registradas nessa canção, que traduz o mundo sem sentimentos formais, vivenciado por aquelas que estão na prostituição.

Esses comportamentos discursivos em que se expõe o prazer sexual sempre foram constituídos para os *homens*. Sendo assim, as *mulheres* passam, nas canções de Chico Buarque, a exercer comportamentos antes concebidos para os *homens*, apresentando uma pluralidade de comportamentos e apontando a indeterminação textual proposta pela teoria *queer*. Sobre a politização do corpo, Foucault (2002, p. 25-26) afirma:

Mas o corpo também está diretamente mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o suplicam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais. [...] Trata-se de alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças.

O *homem* sempre foi o personagem dominante nas relações sociais, mas, em plena década de 1970, surgem figuras emblemáticas na sociedade carioca e brasileira que se destacaram por causar certo impacto comportamental devido às suas performances, que fugiam aos padrões denominados e consagrados como *femininos*. Dentre essas figuras, destacou-se Leila Diniz.

A busca pela emoção e a exposição sem constrangimentos do seu prazer sexual caracterizaram uma *mulher* que assume uma postura ativa de viver seu *oposto*, incorporando aspectos do viver *masculino*, sem, contudo, *masculinizar-se*. É a *mulher* que se situa além do sistema de dominação masculina, sempre numa posição de paridade, evitando buscar seu exercício da dominação sobre o *homem*.

Assim são as prostitutas descritas por Chico Buarque, as quais se expõem nessas canções ao falarem de sexo, de vida conjugal e de afetividade com seu parceiro, sem receios de se mostrarem publicamente ao relatarem sua vida sexual de forma tão explícita. As canções buarquianas se constituem de um eu lírico feminino, o que aponta Chico Buarque como um compositor brasileiro que consegue explicitamente (des)montar a binaridade *masculino/feminino*.

Conclusão

Este trabalho baseou-se na questão das binaridades consagradas social e culturalmente entre os polos *masculino/feminino*, privilegiando o discurso buarquiano, em que o teor feminino se faz plenamente visualizado, identificando uma *mulher* revolucionária na década de 1970, ao expor publicamente seus desejos sexuais e seus anseios por aventuras amorosas. Ao tomar essas canções buarquianas como *corpus* deste trabalho, foi possível compreender que o *homem* também pode veicular o denominado comportamento *feminino* independentemente do seu sexo. Com isso, não se quer reforçar os estereótipos, nem consagrar as dicotomias, mas investir politicamente, tentando desestabilizar verdades hegemônicas a respeito do *masculino/feminino* consagradas pela rigidez da lógica das binaridades ao se enfatizar aquilo que se convencionou como normal.

Numa perspectiva permeada pela pós-modernidade, passa-se a redefinir o estudo do gênero, em que a binaridade *masculino/feminino* torna-se um alvo, não necessitando reforçar tal dicotomia estereotipada, consagrada ao longo do tempo como natural. Isso se mostra possível quando se institui uma realidade permissível, abrangendo as condições do sujeito como um ser não contraditório em relação à sua sexualidade. Butler (2003, p. 52) afirma:

O “sujeito” masculino é uma construção fictícia, produzida pela lei que proíbe o incesto e impõe um deslocamento infinito do desejo heterossexualizante. O feminino nunca é a marca do sujeito; o feminino não pode ser o “atributo” de um gênero. Ao invés disso, o feminino é a significação da falta, significada pelo Simbólico, um conjunto de regras linguísticas diferenciais que efetivamente cria a diferença sexual.

Aos poucos, verificou-se a importância do discurso *feminino* buarquiano para a desestabilização da dicotomia *masculino/feminino*, consagrada pelo estereótipo *masculino* ao longo do tempo. Chico Buarque é o compositor brasileiro que rompe a fronteira do gênero, apontando um horizonte de possibilidades ao expor seu lirismo *feminino* e consagrar a ruptura da fronteira do gênero, assinalando o que afirma Butler (2003, p. 24): “[...] com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como feminino”.

Referências

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *Nordestino: uma invenção do falo: uma história do gênero masculino*. Maceió: Catavento, 2003.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- FONTES, Maria Helena Sansão. *Sem fantasia: masculino-feminino em Chico Buarque*. 2. ed. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 9. ed. São Paulo: Loyola, 2003.
- _____. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- _____. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2004.
- _____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- LIMA, Roberto Gabriel Guilherme. *“Sou dessas mulheres que só dizem sim”*: as mulheres descritas na poesia de Chico Buarque de Holanda. PPGEL – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2009. 82 p.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MELLO, Heitor Ferraz. Alegorias do vazio. *Revista Cult*, São Paulo, ano 6, n. 69, 2003.
- MENESES, Adélia Bezerra. Chico Buarque o poeta do social e do feminino. In: DE CARLI, Ana Mery Sehbe; RAMOS, Flávia Brocchetto. *Palavra Prima: as faces de Chico Buarque*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- NOLASCO, Sócrates. *O mito da masculinidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- RAMOS, Flávia Brocchetto. Canções de Chico: ludismo e nomeação. In: DE CARLI, Ana Mery Sehbe; RAMOS, Flávia Brocchetto. *Palavra Prima: as faces de Chico Buarque*. Caxias do Sul: Educs, 2006.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre, p. 71-79, vol. 03 num.05 jul./dez. 1995.
- SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade: uma introdução às Teorias do Currículo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- _____. *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.